

“Só a inflação preocupa”

por Alvaro Barbosa
do Rio

O ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, está relativamente otimista quanto ao futuro da economia brasileira a médio e longo prazos. Ele acha que o ajustamento da economia nos últimos anos na área do balanço de pagamentos foi tão grande que o Brasil se encontra em situação similar à de 1967/68, período que antecedeu o maior crescimento da economia nacional. “O único problema que falta equacionar é a inflação”, declarou o ex-ministro em palestra feita ontem no auditório da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro.

Simonsen lembrou que o chamado coeficiente de importação da economia brasileira — parcela de bens e serviços que o País precisa importar para a produção interna — caiu bruscamente nos últimos anos. Se o coeficiente de importação deste ano fosse similar ao exis-

tente há dez anos, em 1974, as compras brasileiras no exterior teriam de atingir US\$ 38 bilhões e não os US\$ 14 bilhões a US\$ 15 bilhões que devem ser contabilizados até dezembro. “O Brasil ganhou uma folga de mais de US\$ 20 bilhões por ano no seu balanço de pagamentos nesse período”, enfatizou. Para este ano, Simonsen acredita que o Produto Interno Bruto poderá ter um crescimento superior a 2%, em termos reais, e essa tendência poderá repetir-se nos anos seguintes.

A perspectiva mais favorável para o crescimento econômico, porém, não deveria levar a um abandono da política de contenção monetária e fiscal por parte do governo brasileiro. O ex-ministro é de opinião que um incentivo à demanda interna no atual estágio da economia brasileira pode levar a um aumento ainda mais acentuado da espiral inflacionária. Por isso, ele acha que o governo deveria atuar na ponta dos custos, onde se desta-

ca a desindexação da economia do País.

O ex-ministro fez questão de explicar o que ele entende por desindexação. Para Simonsen, fundamentalmente, desindexar é cortar a realimentação inflacionária gerada pela fixação de índices com base na inflação passada. Por isso o governo deveria “esquecer” o que se passou e fazer uma previsão para a inflação do mês seguinte, fixando então o índice de correção monetária. Qualquer desvio para baixo ou para cima seria compensado nos meses subsequentes.

Esse sistema deveria ser de forma plenamente confiável e fixado em fórmulas matemáticas. “Todo mundo precisa saber com antecedência as regras do jogo”, justifica. Para evitar margens de erro, o governo poderia fazer com as ORTN o mesmo que faz com o câmbio, com reajustes quase diários, à medida que o mês vai transcorrendo.